

A campanha da luz
Vamos "Todos" votar



"A fraca qualidade da educação é que contribui para a Pobreza"

Pag. 04

Pags. 02

Neque prevê possível legalização da cannabis
"Pode agravar problemas associados ao uso precoce e abusivo"



Deisy Monjana sobre as novas gerações

"A estrutura social e educativa tem contribuído para o imediatismo"

Pag. 07





Moçambique Está Pronto para Legalizar a Cannabis Sativa? ** Expositivo e Reflexivo¹

Por: Neque António

Nos últimos tempos, o debate sobre a legalização da cannabis sativa, conhecida popularmente em Moçambique como “suruma”, tem se intensificado, especialmente após declarações do Presidente da República, Filipe Nyusi. Durante um encontro recente entre países da África Oriental e Austral, realizado em Maputo, Nyusi enfatizou a necessidade de uma reflexão aprofundada e inclusiva sobre as políticas que poderiam regular essa substância. O Presidente alertou para os riscos associados ao tráfico e consumo ilícito de drogas, relacionando-os ao aumento do terrorismo e outras formas de criminalidade. Este debate é multifacetado, envolvendo considerações econômicas, de saúde pública, sociais e culturais.

Por um lado, os defensores da legalização da cannabis apontam para os potenciais benefícios da planta, especialmente no campo medicinal. A cannabis é reconhecida por suas propriedades terapêuticas, sendo utilizada no tratamento de uma variedade de condições de saúde, incluindo dores crônicas, epilepsia e sintomas relacionados ao câncer. A legalização poderia permitir que os moçambicanos tivessem acesso seguro e regulamentado a esses tratamentos, que já são disponíveis em muitos países onde a cannabis foi legalizada para fins medicinais. Além disso, a criação de um mercado legal de cannabis poderia trazer significativos benefícios econômicos, como a geração de empregos, aumento da receita fiscal e desenvolvimento de novas indústrias, especialmente nas regiões rurais onde o cultivo poderia ser incentivado.

Países como o Canadá e o Uruguai, que legalizaram tanto o uso medicinal quanto recreativo da cannabis, oferecem exemplos de como a regulamentação pode ser implementada de forma a controlar o mercado, combater o tráfico ilícito e proteger a saúde pública. No Canadá, por exemplo, a legalização em 2018 permitiu ao governo estabelecer um sistema rigoroso de controle e supervisão, garantindo que a venda de can-

nabis ocorra de maneira segura. O país também investiu em programas de educação pública para conscientizar a população sobre os efeitos da cannabis, tanto os benefícios quanto os riscos, ajudando a mitigar possíveis problemas associados ao uso recreativo.

Entretanto, a legalização da cannabis também apresenta desafios significativos. A experiência de outros países mostra que o consumo desregulado pode levar ao aumento de problemas de saúde mental, dependência e outras questões sociais. Nos Estados Unidos, onde alguns estados legalizaram o uso recreativo da cannabis, observou-se um aumento nas visitas a emergências hospitalares relacionadas ao consumo excessivo, bem como um impacto negativo nos índices de acidentes de trânsito. Além disso, a legalização pode criar dificuldades para o controle do acesso à droga por menores de idade, o que pode agravar problemas associados ao uso precoce e abusivo.

Ricardo Rossi, encarregado de negócios da União Europeia, ressaltou que qualquer abordagem sobre a legalização da cannabis deve ser fundamentada em evidências científicas e respeitar os direitos humanos e a saúde pública. Rossi destacou que, embora a legalização possa trazer oportunidades de desenvolvimento econômico e fornecer meios de subsistência alternativos para os produtores, é crucial considerar os impactos na saúde pública e nos sistemas de aplicação da lei.

Além da legalização, outro caminho possível é a descriminalização do consumo de cannabis, já implementada em alguns países. A descriminalização visa reduzir o impacto negativo da guerra às drogas, diminuindo a população carcerária e redirecionando os recursos de combate ao tráfico para áreas mais necessitadas da sociedade. Portugal, que descriminalizou todas as drogas em 2001, optou por tratar o consumo de drogas como uma questão de saúde pública, focando na reabilitação em vez da punição. Esta abordagem resultou em

uma redução significativa do consumo problemático de drogas e das taxas de mortalidade associadas, além de aliviar a sobrecarga no sistema de justiça criminal. Este modelo poderia servir de inspiração para Moçambique.

Contudo, em Moçambique, a decisão sobre a legalização ou descriminalização da cannabis requer uma abordagem cautelosa e bem informada. A sociedade moçambicana, marcada por fortes tradições e um conservadorismo notável, pode ser resistente a mudanças tão profundas. A introdução da cannabis em um mercado legalizado pode ser vista com desconfiança, especialmente em um contexto onde o consumo de substâncias controladas é frequentemente associado a comportamentos antissociais e à marginalização. Portanto, qualquer mudança significativa na política de drogas deve ser acompanhada por uma educação pública robusta e uma preparação cuidadosa das instituições para lidar com os desafios que surgem.

A experiência de Moçambique com o álcool serve como um exemplo importante. Apesar de legal, o álcool continua a ser uma das principais causas de violência doméstica, acidentes de trânsito e outros problemas sociais. Se a cannabis fosse legalizada sem uma preparação adequada e uma regulamentação rigorosa, os problemas sociais e de saúde pública poderiam ser agravados. Portanto, antes de considerar a legalização ou descriminalização da cannabis, é essencial que o governo moçambicano e a sociedade invistam em uma ampla campanha de educação e conscientização em saúde pública.

Em suma, o debate sobre a legalização da cannabis sativa em Moçambique é complexo e multifacetado. Requer uma reflexão cuidadosa, baseada em evidências científicas e em um diálogo inclusivo que envolva todos os setores da sociedade. Somente através de um processo bem informado e inclusivo será possível determinar se Moçambique está preparado para dar esse passo significativo.



Paco Planelles / Espanha

ESPÍRITO ESPORTIVO

• O outro lado dos Jogos

mostrem imagens e situações irreconhecíveis de qualquer atleta. E isso tem aplica-

e nos seus protagonistas do que na política.

• Mas quem é atleta? Somente quem se interessa ou pratica algum esporte?

NÃO! Mesmo aquela pessoa que não se interessa por esporte ou não tem oportunidade ou disposição para praticá-lo pode ser um verdadeiro atleta se tiver o que chamamos: “Espírito esportivo”. Um espírito desportivo que a prática desportiva, certamente, desenvolve em todos, embora alguém – que não seja praticante – também o possa possuir sem jogar. É a capacidade de aguentar os golpes da vida sem se irritar, quebrar a raquete ou sentir vingança; a capacidade de sorrir em momentos de dificuldade e perigo; a capacidade de vencer sem se gabar, rir ou perder sem reclamar. Um verdadeiro desportista esquece-se da sua lealdade ao seu país e às suas cores; Ele se recusa a ficar desmoralizado quando o jogo vai contra ele e continua lutando mesmo quando a batalha parece perdida.

Todos têm dificuldades e contratempos em algum momento da sua vida e a sociedade espanhola, com o “rentree” em Setembro próximo, enfrenta um futuro político, económico, desportivo e social incerto e preocupante. O verdadeiro atleta, gestor político ou presidente do Governo com espírito desportivo sorri quando isso acontece e recusa deixar-se desmoralizar por eles.

Alguns atletas, dirigentes de federações esportivas ou presidentes do Governo testam jogar se não houver muitos seguidores incondicionais que aplaudam as suas ações, esforços ou decisões governamentais; outros jogam apenas para ganhar prestígio, prêmios suculentos, bônus, honorárias e royalties; ou não estão dispostos a enfrentar adversários mais fortes por medo de serem derrotados; então eles renunciam e se aposentam. Essas pessoas não são verdadeiros atletas, dirigentes federativos ou presidentes de Governo no melhor sentido da palavra. São simplesmente conversa fiada, narcisismo ideológico e indiferença social. São solilóquios das (comadres) esposas.



Não considero correcto que durante 20 dias a primeira coisa que ouvimos, lemos e vimos na rádio, na imprensa e na televisão tenha sido o triunfo e a medalha que foi conquistada, a que estava prestes a cair ou a que cairia imediatamente . Ou seja, a do judoca Fran Garrigós, com a medalha de bronze no início dos Jogos Olímpicos. / Paris'24 frente ao surpreendido campeão georgiano, pouco depois de mais duas medalhas de ouro pelo triunfo das seleções de futebol feminino e masculino ou a prata do jovem e impetuoso tenista Carlos Alcaraz,... Foram as maiores alegrias dos espanhóis durante os meses de julho e agosto - com a triste decepção da campeã Carolina Marín, que quebra o joelho quando já acariciava a medalha olímpica no bádminton.

Esse tem sido o reverso da moeda, mas com este artigo quero destacar o seu reverso, ou pelo menos dar a minha opinião sobre algum aspecto ou comportamento dos atletas participantes e o seu cumprimento obrigatório do verdadeiro “espírito desportivo” ou filosofia dos próprios Jogos Olímpicos e o lema: “Citius, Altius, fortius” no - hoje, os JJ.OO. (Jogos Olímpicos) já encerraram "Paris'24" ou outros possíveis eventos desportivos futuros que

ção, por exemplo, na figura do jovem tenista espanhol Carlos Alcaraz, que em sua última partida do "Masters 1000" norte-americano, em Cincinnati (EUA), contra o francês Gael Monfils, não soube resistir às pressões, perde a educação e os papéis, fica desequilibrado e quebra a raquete; embora “após o fato” ele peça desculpas e garanta que sua atitude, durante a “partida” de ténis....

• “Não foi correto, porque é algo que não deveria ser feito em pista.”

As Olimpíadas / Paris'24 na bela Cidade Luz demonstraram a péssima realidade do esporte espanhol ao conquistar apenas 18 medalhas com a luta numantina do judoca Fran Garrigós, o revés e lesão grave de Carolina Marín, os sucessos de nossos jogadores de futebol e a inexplicável “birra” destrutiva do jovem e imaturo tenista espanhol Carlos Alcaraz, e de todos os outros - em torno de Alejandro Blanco, presidente do Comité Olímpico Espanhol, de quem não esquecemos; embora tenham infectado aqueles de nós que estão mais inclinados ao sedentarismo e que, a partir de agora, se sentem mais atléticos e mais interessados nos Jogos Olímpicos, no desporto

"A fraca qualidade da educação é que contribui para a Pobreza"



Por: Chanila Tembe

Enquanto o mundo discute desde sempre, fatores que justificam a pobreza das nações, a partir de uma dimensão que olha somente para aquilo que não se tem de material, tenho a certeza que o problema, tanto no âmbito Cristão, político ou simplesmente em questões que lidam com moralidade humana, seja a Educação, o principal factor responsável pela pobreza.

A fraca qualidade da educação é um dos principais fatores que contribuem com a pobreza do país, considerando que quanto maior a instrução de uma pessoa, maiores chances ela tem de conseguir empregos melhores e ascender economicamente. Além de ser uma ferramenta importantíssima para combater a pobreza, a Educação apresenta-se como chave mestre para acabar com as desigualdade so-

ciais, pois investir no sujeito, desde a infância, por meio da educação de qualidade é uma forma de aumentar os seus bens, reduzir e dizer chega as desigualdades sociais e chamar a sua consciência para que não se envolva em situações de corrupção.

Na qualidade de Cristã, coloco Deus como espelho de Moralidade, porque se as pessoas não tiverem onde se espelhar quanto ao o que é ter moral ou princípios de Valor, elas não vão conseguir dar razão ou importância à alguém que está a ensinar alguma coisa. Então, o próprio Deus é quem nos ensina a sentar e ouvir. De tal forma que acredito que esses princípios, quando adquiridos, podem mover de forma sábia uma multidão, de um jeito organizado e unido.

Para a saúde, o governo propõe-se a buscar profissionais que tenham a capacidade de valorizar a vida do outrem, pois, se tais enfermeiros assim o fizerem, facilmente o seu trabalho estará sendo feito de coração. Contribuindo desta forma para se alcançar êxitos. Para acabar com problemas da corrupção, profissionais não qualificados nas diversas esferas sociais; tenho como proposta, avaliar e aplicar testes para se apurar a moral das pessoas que se está a contratar.

Quanto a aqueles que se envolvem em escândalos, sobretudo nos hospitais, defendo uma punição exemplar, por mais que seja a metade de um hospital envolvidos em tais esquemas.

O maior problema da economia, quanto aos preços dos produtos ali-

mentares, acredito que parte da desvalorização das produções feitas no nosso País. Portanto, a criação de uma instituição que seja responsável pelo escoamento a baixo preço das produções é ideal para nos salvar dos varios problemas alimentares. Importa dizer, esta instituição vai dar espaço para que os administradores e o pessoal empregado seja nacional e desta forma cumprindo com o princípio que visa empregar aos jovens. Além disso, para que haja mais empregos, o governo vai dar espaço ao sector privado, e contribuir para a capacitação dos jovens criarem as suas proprias empresas, de modo que estes não sejam reféns do governo.

Ainda sobre a educação, importa dizer, a mentalidade atrasada que nos faz não colocar em primeiro lugar a mesma, acaba abrindo espaços para mendicidade infantil, bandidagem nos bairros, afectando de forma directa e em grande escala as crianças do nosso País. Trago como proposta, em primeiro lugar, a organização dos locais de ensino e aprendizagem, a subvenção de um fundo mensal capaz de suprir as necessidades basilares dessas crianças. Além disso, as crianças são inocentes e elas precisam de apoio psicológico/emocional para continuar com os seus estudos. O meu governo está disponível para dar esse apoio, quando os pais não estiverem lá para ajudar, ou quando por vários motivos não podem. Portabto, o governo apoia essas crianças acreditando que futuramente serão as mesmas que estarão a dirigir o país.



Quinta-Feira, 22 de Agosto de 2024

Tabela Cambial		
	Compra	Venda
USD	63.25	64.51
ZAR	3.50	3.57
EUR	69.65	71.04

Vamos "todos" votar

Quando se diz todos nesse caso, não se está a referir aqueles que infalivelmente tem de ou vão votar, não. É um todos convidativo, uma forma de apontar o dedo a quem não o têm feito, está se a chamar a responsabilidade aos cidadãos que por motivos alheios ao nosso conhecimento preferem estar à margem dos pleitos, a distância das urnas, a indiferença sobre quem deve de facto comandar os interessados nacionais, é preciso atizar para esse acto (voto) esse "todos" que está em falta no processo eleitoral Moçambicano.

Nada mudará, embora todos queiram que mude, inclusive "todos" enquanto apenas todos ou nem isso limitarem se a votar. Pois, é impressionante que "todos" não param de resmungar às escolhas que quinquénio após quinquénio se recusam a fazer, "todos" esperam que isso mude por

mera confissão dos predadores e uma auto-entrega aos pauperrimos da comunidade moçambicana pra justa decapitação, que ingenuidade. Ingenuidade de "todos" esperar que todos, que jamais resolveram, resolvam desta vez, porquê séria?

Atenção ao "todos", é demasiado pertinente admitir que dentre todos existem também "todos" mas triste ou não, nunca foram suficientes para promover alguma mudança enquanto estivessem sós. Precisam, carecem de "todos" ou que todos façam a sua parte.

"Todos" que enfatiza nesse tema é sinónimo de moçambicanos em idade ou consciência de voto, todos moçambicanos que querendo ou não, vivendo ou não, ao menos vêem a situação que se vive em Moçambique.

Essa demonstrativa de que isto não está nada

como deveria estar, não como o moçambicano merece e por essa razão é chamado a agir, a sair da zona de conforto e fazer alguma coisa, pois anos como estes são de facto aqueles em que todos os cidadãos podem e devem fazer alguma coisa, devem agir, votando.

Quando a acção tem de ser o voto em Moçambique, deduz se sempre que não importa essa acção porque o resultado estará sempre distante da mudança, porque lamentavelmente, vendeu-se e a compra foi exuberante, a ideia de que não importa o que se fizer ou então como se vote, nada vai mudar no país.

Mas não, não é bem assim e isso só acontece porque a acção dificilmente vem de todos e nunca veio de "todos". É preciso que se mude de postura. Vamos "todos" agir que isso com certeza vai mudar!

FICHA TÉCNICA

Director Editorial: Douglas Madjila

Administração: Hélio Pinto ; Contactos: 841385148 / 87 3017860

Redacção: Benta Edith, Orlando Júnior, Jéssica Monteiro Redacção : 87 5308210/ 82 3308210

Numero de Registro de Entidade Legais: DISP.67/GABINFO-DEPC/210/2022

Endereço: Av. Amílcar Cabral, 1542 1º andar ; Cidade de Maputo Email: luzdopensamentomz@gmail.com



EDIÇÃO ESPECIAL DE RÓTULOS “SALVEM-NOS”





Por Deisy Monjana

RH em Destaque: O Imediatismo das Novas Gerações

Nas últimas décadas, o mercado de trabalho tem sido palco de uma transformação profunda, influenciada por mudanças tecnológicas, sociais e culturais. Uma das mudanças mais notórias e, simultaneamente, mais desafiadoras para as organizações, é a emergência do imediatismo como uma característica marcante das novas gerações, em especial os Millennials e a Geração Z. Este fenómeno, que se manifesta na procura por respostas e progressões rápidas, coloca questões significativas para a gestão de recursos humanos, exigindo uma reavaliação das práticas organizacionais tradicionais e uma adaptação estratégica para responder às novas expectativas.

A Gênese do Imediatismo: Contexto Histórico e Cultural

Para compreender o imediatismo das novas gerações, é essencial analisar o contexto no qual essas gerações cresceram. A ascensão das tecnologias digitais, particularmente a Internet e os dispositivos móveis, criou uma cultura de acesso instantâneo à informação e de gratificação imediata. Estas gerações são nativas digitais, habituadas a obter respostas rápidas e a resolver problemas com um simples toque num ecrã. Tal contexto moldou uma mentalidade onde a rapidez não é apenas um desejo, mas uma expectativa quase inata.

O imediatismo não se limita, contudo, ao domínio tecnológico. A própria estrutura social e educativa tem contribuído para esta mentalidade. O sistema educativo, com a sua ênfase crescente em resultados rápidos e avaliações contínuas, e o mercado de consumo, que promove a satisfação instantânea, reforçam este comportamento. Além disso, as crises económicas vividas durante as fases formativas destas gerações, como a crise financeira de 2008, também intensificaram o desejo por segurança e progresso rápido, já que as oportunidades percebidas como limitadas geraram uma urgência em aproveitar ao máximo cada oportunidade.

Manifestação do Imediatismo no Contexto Organizacional

No ambiente de trabalho, o imediatismo das novas gerações traduz-se em várias

formas. A progressão de carreira, por exemplo, é uma área onde este fenómeno é particularmente evidente. Jovens profissionais frequentemente esperam subir na hierarquia organizacional com uma rapidez que, em muitos casos, contrasta com as estruturas tradicionais de progressão lenta e gradual. A percepção de estagnação ou a falta de desafios constantes pode levar a uma elevada rotatividade, com estes trabalhadores a procurarem constantemente novas oportunidades que satisfaçam as suas aspirações imediatas.

Outro aspecto fundamental é a expectativa por feedback contínuo e imediato. As avaliações anuais de desempenho, comuns em muitas organizações, são muitas vezes vistas como insuficientes. Em vez disso, estas gerações valorizam uma comunicação constante, onde o feedback é oferecido em tempo real, permitindo ajustes rápidos e uma sensação de progresso constante.

Além disso, há uma aversão crescente à burocracia e aos processos lentos. O imediatismo implica uma preferência por ambientes ágeis e flexíveis, onde as decisões são tomadas de forma rápida e a execução é quase imediata. A demora em processos internos, sejam eles administrativos ou operacionais, é frequentemente vista como um sinal de ineficiência, gerando frustração e, em última instância, desmotivação.

Desafios para a Gestão Organizacional

A incorporação desta mentalidade imediatista no ambiente organizacional não é isenta de desafios. Um dos principais desafios é a necessidade de equilibrar a demanda por rapidez com a necessidade de manter a qualidade e a sustentabilidade a longo prazo. A pressão por resultados rápidos pode, em alguns casos, levar a decisões precipitadas ou a compromissos na qualidade dos produtos ou serviços.

Além disso, a gestão de expectativas torna-se um desafio crítico. Se, por um lado, é necessário responder à necessidade de feedback contínuo e progressão rápida, por outro, há que gerir cuidadosamente estas expectativas para evitar frustrações e, consequentemente, a perda de talentos. A transparência na comunicação e a clareza

na definição de metas e objetivos de carreira são essenciais para mitigar este risco.

Outro desafio significativo é a adaptação dos processos internos. Muitas organizações, especialmente aquelas com estruturas mais tradicionais, podem enfrentar dificuldades em adaptar-se a um ambiente onde a rapidez é valorizada acima de tudo. A revisão de processos, a redução da burocracia e a implementação de tecnologias que facilitem a agilidade são passos necessários, mas que requerem investimento e, muitas vezes, uma mudança cultural profunda.

Perspectivas Futuras e Estratégias de Adaptação


Para as organizações, a adaptação ao imediatismo das novas gerações não é apenas uma questão de resposta às suas necessidades, mas também uma oportunidade de evolução. As empresas que conseguirem alinhar as suas práticas com as expectativas destas gerações estarão melhor posicionadas para atrair e reter talentos, criando um ambiente de trabalho mais dinâmico e inovador.

Uma estratégia eficaz passa por integrar a agilidade nas operações diárias. Isso pode incluir a adoção de metodologias ágeis, a promoção de uma cultura de feedback contínuo e a criação de programas de desenvolvimento de carreira que permitam progressões mais rápidas e personalizadas.



Adicionalmente, as organizações devem considerar a flexibilização das suas políticas de trabalho, permitindo maior autonomia e responsabilidade aos colaboradores, o que pode contribuir para a satisfação imediata e para a retenção de talentos.

O imediatismo das novas gerações no mercado de trabalho é um reflexo das transformações culturais e tecnológicas da sociedade contemporânea. Embora apresente desafios significativos para a gestão organizacional, também oferece oportunidades para as empresas se tornarem mais ágeis, inovadoras e atraentes para os talentos emergentes. A chave para o sucesso reside na capacidade de adaptação estratégica, equilibrando as demandas por rapidez com a sustentabilidade e a qualidade a longo prazo.

TIRAS DO BEYBINHO  [tirasdobeybinho](#)



Ana Paula B. Delgado + Arthur



@tirasdobeybinho

ARTHUR BRAGA

CONTINUA...

LUZ DO PENSAMENTO – <i>Semanário Digital</i>	
Preços de Publicidade por Edição	
1/1 pág.	10.500,00 MT
1/2 Pág.	6.500,00 MT
1/4 Pág.	4.000,00 MT
1/8 Pág.	2.500,00 MT
Rodapé primeira página	5.000,00 MT
Rodapé de pág. 2 em diante	1.500,00 MT